



Anos 90: Revista do Programa de Pós-

Graduação em História

ISSN: 0104-236X

anos90@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Brasil

Rolim Capelato, Maria Helena

Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão

Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 16, núm. 29, julio-,
2009, pp. 59-79

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574069165002>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão

Maria Helena Rolim Capelato*

Resumo: As discussões mais atuais sobre identidade nacional recusam o conceito de “caráter nacional” entendido como essência imutável e como fenômeno homogêneo. No entanto, entre as décadas de 1930 e 1960, inúmeros autores latino-americanos se dedicaram a esse tipo de estudo, procurando definir os elementos constitutivos do “ser nacional” em seus respectivos países, os males que eles produziam e as possibilidades de superá-los com o intuito de atingir uma cultura superior. Tal perspectiva indica uma nova forma de relação entre cultura e identidade nacional.

Palavras-Chave: Caráter Nacional. Intelectuais Latino-americanos. Circulação de Idéias.

Introdução

Dentre um conjunto maior de ensaios sobre o “caráter nacional” produzidos no período de 1930 a 1960, optei por privilegiar três deles que apresentam aspectos comuns, embora relacionados com realidades históricas diversas: *Historia de una pasión argentina* (1938), do argentino Eduardo Mallea; *El perfil del hombre y la cultura*

* Professora do Departamento de História (FFLCH) da USP. E-mail: mhcapelato@terra.com.br

en México (1934), do mexicano Samuel Ramos e *Insularismo. Ensaio de interpretación puertorriqueña* (1934), de Antonio S. Pedreira.¹

A partir dessas obras, procurarei situar o contexto histórico que deu ensejo à construção de um ideário nacionalista² voltado para as reflexões sobre o caráter nacional. A seguir, pretendo indicar os fundamentos das análises produzidas pelos autores em foco, mostrando, também, o intercâmbio de ideias entre esses intelectuais latino-americanos e os europeus (espanhóis especialmente), o que contribuiu para as redefinições sobre identidade nacional fundamentadas em parâmetros.

O conceito de caráter nacional que orientou intelectuais latino-americanos, entre as décadas de 1930-1960, fundamentou-se em novos paradigmas interpretativos que questionavam as noções identitárias utilizadas até então para explicar o atraso dos países latino-americanos em relação à Europa e que estavam baseadas em teorias raciais e nas teorias deterministas sobre a influência do meio. A partir da antropologia cultural, sociologia, psicologia social, psicanálise e filosofia, a nova geração de intelectuais a que estou me referindo procurou identificar traços do “caráter nacional” das sociedades em que viviam, indicando os males deles oriundos.

A maioria dos intelectuais que se dedicaram ao que consideravam sua missão enfatizava os seguintes males nacionais: inautenticidade do caráter nacional; valorização da aparência em detrimento da essência; importação de ideias do “velho mundo” inadequadas às nações que faziam parte do “novo mundo” ainda em construção; urbanização modernizadora que privilegiava o artificial em detrimento do natural/original/tradicional; mentalidade materialista, racionalista e individualista que sufocava a espiritualidade entendida como parte de uma cultura superior. Nas formulações sobre o caráter nacional, também aparecem referências positivas ou negativas em relação ao passado.

Esses males a que me referi de forma genérica foram apontados nas três obras que serão comentadas neste texto. Procurarei mostrar, a partir do exame do conteúdo nelas expresso, que as conclusões

das críticas apresentadas pelos autores sobre o caráter nacional permitiram a construção de novos estereótipos, preconceitos sociais e mitos nacionais que até hoje são aceitos como verdade nos diferentes países.

Circulação de ideias entre autores latino-americanos e espanhóis

61

Começo por indicar a filiação dos autores que serão analisados neste texto a correntes de ideias espanholas, sobretudo as de José Ortega y Gasset, que deram suporte a suas análises sobre o caráter nacional.

Samuel Ramos, Antonio Pedreira e Eduardo Mallea se identificaram com autores espanhóis, tanto da chamada “geração de (18)98” (Miguel de Unamuno e Angel Ganivet), como da “geração de (19)14” (José Ortega y Gasset), que se preocuparam com o tema da identidade nacional espanhola nas primeiras décadas do século XX. Unamuno e Ganivet contribuíram para a formação desses autores, os quais incorporaram suas perspectivas espiritualistas (cristã, no caso de Eduardo Mallea). Mas foram as ideias de Ortega y Gasset que tiveram maior impacto na América Latina dos anos 1920-40. Isso se explica tanto pelas visitas deste intelectual ao Continente, sobretudo à Argentina, como pelo fato de ele ter criado a *Revista de Occidente*, que, a partir da década de 1920, teve enorme circulação em todos os países deste Continente. Não só a revista mas também as obras de Ortega y Gasset foram muito lidas nos países da América Latina e os leitores deste filósofo espanhol incorporaram suas preocupações referentes à identidade nacional.³

A concepção circunstancialista de Ortega y Gasset surgiu do seu questionamento ao idealismo, corrente à qual estivera filiado anteriormente. Depois de uma permanência no exterior (Alemanha), retornou à Espanha, onde se deparou com uma realidade nova a partir da qual concluiu que a vida não era só ideia mas também

circunstância e, portanto, deveria ter articulação com a realidade. Incorporando uma perspectiva historicista, passou, então, a considerar que a cultura deveria ser entendida a partir de sua circunscrição a um lugar e a um momento histórico. Tal perspectiva condenava, *a priori*, a tendência de cópia ou imitação do estrangeiro. Preocupou-se, desde então, com a circunstância nacional a fim de entender o sentido do “ser espanhol” e procurou relacionar a filosofia universal com as especificidades da realidade espanhola. Em 1914, publicou *Meditaciones de Quijote*, na qual emergiu o conceito de “circunstancialismo”, muito bem aceito nos países da América Latina, porque permitia fazer a crítica da importação de ideias e modelos externos e também refletir sobre a realidade nacional inserida no âmbito universal. Esta relação entre as partes e o todo contribuía para pensar novas formas de inserção da América Latina no contexto internacional.⁴

A meditação filosófica sobre a realidade espanhola se desenvolveu, sobretudo, a partir da desilusão do autor com a Europa na Primeira Guerra. Como a Espanha não participara do conflito, diferenciou-se, nesse contexto, do resto da Europa.

A Primeira Guerra também causou grande impacto entre a intelectualidade latino-americana. Mas a tragédia permitiu pensar a América Latina a partir de um novo prisma e, para isso, muito contribuiu a obra de Oswald Spengler sobre *A decadência declínio do Ocidente* (que tinha como pano de fundo o conflito mundial). A ideia do declínio ocidental permitiu estabelecer uma oposição entre o “Velho Mundo” e o “Novo Mundo”, o que possibilitou pensar num futuro promissor para o Continente latino-americano, desde que superados os males oriundos do “caráter nacional” apontados pelos autores que fizeram sua crítica a partir dos anos 1930.

Ortega y Gasset escreveu *El tema de nuestro tiempo*, publicada em 1923, após sua primeira experiência latino-americana. Durante sua permanência na Argentina, ficou muito impressionado com a prosperidade do país e com a ampla participação política da população. Essas impressões contribuíram para que o autor tivesse a

sensação de estar vivendo uma nova época no novo mundo e tal sensação o estimulou a tentar descobrir qual era o tema fundamental do tempo que estava vivendo. A partir dessas reflexões, elaborou a teoria das gerações relacionada com a questão das mudanças históricas.⁵

A teoria indicava que cada geração tinha sua missão histórica e, se fosse infiel a ela, disso resultaria falta de autenticidade. Refutando a perspectiva essencialista, o autor afirmava que o homem não tinha essência, tinha história; não uma história qualquer, mas a “nossa” história que não se separava da vida e do presente.

Os intelectuais latino-americanos que incorporaram as ideias orteguianas se preocuparam com a definição do caráter nacional, procurando indicar quais os traços negativos responsáveis pelos males da nação. Acreditaram, com base no filósofo espanhol Ortega y Gasset, que os escritores tinham uma responsabilidade perante a sociedade em que viviam. Consideravam-se homens dotados de consciência e capacidade para testemunhar, a partir de suas circunstâncias pessoais e nacionais, a verdade tal como a viam. A partir desse papel atribuído ao intelectual, insistiam na liberdade de interpretação e crítica, o que implicava a recusa de pertencimento a qualquer tipo de organização política.

Os leitores das obras orteguianas na América Latina procuraram identificar qual era o tema de sua geração. Assim, a inautenticidade, fruto da imitação da cultura estrangeira, da importação de ideias e da cópia de instituições europeias ou norte-americanas, foi identificada como problema maior do caráter nacional pela maioria dos autores objetos desta análise que venho desenvolvendo. Neste sentido, procuraram construir uma reflexão original a partir das suas circunstâncias nacionais e que exprimisse peculiaridades mentais e culturais das sociedades em que viviam.

Cabe esclarecer que o conceito circunstancialista orteguiano, apesar de trazer em si a crítica à importação de ideias externas, foi amplamente incorporado na América Latina. Pretendo analisar como esta e outras ideias de Ortega y Gasset foram apropriadas e ressignificadas pelos autores latino-americanos em foco.

Intelectuais latino-americanos: as críticas ao caráter nacional

Tanto Samuel Ramos como Antonio Pedreira e Eduardo Mallea criticaram as ideias importadas responsáveis pela inautenticidade do caráter nacional.

Assumindo o papel que a geração deles atribuiu aos intelectuais, analisaram o caráter nacional de seus países, em alguns casos definido como espírito ou consciência: tal caráter incluía traços da cultura, da mentalidade, do comportamento e dos valores coletivos.

A partir da análise desses traços e identificação dos males sociais associados a eles, os autores pretendiam contribuir para a formação de uma consciência nacional autêntica e compatível com a realidade histórica vivida.

As obras que serão comentadas a seguir foram construídas na forma de ensaio e tiveram ampla repercussão social atestada pelas inúmeras edições nacionais e traduções em língua estrangeira, como foi o caso de *História de una pasión argentina*, de Eduardo Mallea, traduzida inclusive para o sueco. Começarei pela obra de Samuel Ramos considerado um dos principais discípulos de Ortega y Gasset na América Latina.

O “ser mexicano” em questão

Samuel Ramos, como os demais intelectuais orteguianos da América Latina, criticou o positivismo que teve ampla penetração no México da segunda metade do século XIX. A partir dessa crítica, foi em busca de uma filosofia capaz de responder às novas demandas espirituais do homem mexicano e foi nesse caminho que se deparou com as ideias espiritualistas dos espanhóis da “geração de 98”, sobretudo de Miguel Unamuno. Mas foi através de Ortega y Gasset que procurou analisar o México do seu tempo, levando em conta que a

verdade é relativa ao momento histórico vivido. Procurou definir o tema de seu tempo que, no caso do México, estava relacionado à Revolução Mexicana.

Esta, segundo o autor, trouxe profunda mudança espiritual no país, o que permitiu a descoberta do México verdadeiro e, desde então, desenvolveu-se um movimento nacionalista que foi se estendendo paulatinamente para a cultura, através da poesia e do romance. No entanto, esse movimento, segundo Ramos, não se estendeu até a filosofia, que continuava marcada por um caráter universal e abstrato (MEDIN, 1994, p. 60-61).

Na obra *El perfil del hombre y la cultura en México*, procurou desenvolver uma meditação filosófica a partir do circunstancialismo orteguiano. Nesse ensaio, escrito em 1934, que mescla filosofia espiritualista e psicanálise, o autor identificou o complexo de inferioridade do “mexicano”, o que, segundo ele, explicava o mimesmo mexicano frente à cultura europeia. Além disso, o autor indicou outros vícios nacionais, como machismo, agressividade, preguiça, responsabilizando-os pelos fracassos políticos, sociais e culturais do país. No entanto, atribuía esses vícios a um passado remoto; os traumas desse passado, segundo Ramos, imprimiram uma máscara capaz de ocultar o autêntico ser nacional (MEDIN, 1994, p. 60-61).

A partir da constatação da falta de “autenticidade” do ser mexicano e de outros vícios, o autor foi em busca das origens históricas desses males. Localizou-os na conquista e colonização, as quais causaram traumas profundos nas populações nativas e permaneceram vivos após a formação da nacionalidade. Esses traumas se ocultavam através de uma máscara que precisava ser arrancada para que o mexicano cessasse de ocultar seu autêntico ser.

Segundo o autor, as neuroses se agravaram quando, após a Independência, seus líderes optaram pela imitação das ideias e instituições da Velha Europa e da América do Norte, sendo a Constituição liberal mexicana do século XIX exemplo típico de um mimesmo que produziu descompasso entre as instituições e a realidade nacional, resultando no interminável ciclo de revoluções.

Além do vício da imitação, a psicologia mestiça também era apontada como um dos traços negativos do caráter nacional mexicano. Ramos afirmava não crer nas teorias raciais, pois a biologia provara que essas teses não tinham base científica, mas considerava que a psicologia social era capaz de desvendar verdades sobre as raças e suas mesclas.

66

A partir dessa perspectiva, deteve-se no exame de tipos nacionais, como o “pelado”, personagem representativo da mestiçagem, que o autor considerou expressão mais significativa dos vícios do caráter nacional. Ramos o descreve de forma extremamente pejorativa: ostenta cinicamente certos impulsos elementares que outros homens procuram dissimular. Na hierarquia social, é menos do que o proletário e, na hierarquia intelectual, é um primitivo. Entrega-se a pantomimas de ferocidade para parecer forte, porém, na vida real, é um “zero à esquerda”. Como homem, na acepção zoológica do termo, é um macho que se gaba de sua potência animal. Sua aparência é falsa e nessa camuflagem engana a si mesmo.

Quanto à psicologia do índio, este se caracterizava, segundo Ramos, pela passividade. Comparou os indígenas a um coro que assiste silencioso ao drama da vida mexicana e concluiu que seu atavismo criava obstáculos a mudanças.

Após a definição de alguns tipos nacionais, Ramos passou a descrever o caráter nacional do mexicano indistintamente, apontando os seguintes traços: ausência de princípios, desconfiança, ausência de idealismo, vida à deriva e circunscrita ao presente, sem dimensão de futuro. A sociedade mexicana, para o autor, assemelhava-se a uma horda de primitivos, na qual os homens disputam coisas como feras famintas.

Essa crença do autor na psicologia social, entendida por ele como uma nova ciência, contribuiu para a criação de uma imagem muito negativa do mexicano. Tal imagem pode ser entendida como fruto dos desencantos com a violência que caracterizou a Revolução Mexicana e as decepções em relação a suas promessas não cumpridas.

Vários autores que vivenciaram a Revolução Mexicana e, a partir dessa experiência, escreveram romances sobre ela expressaram críticas à violência que permeou a sociedade durante os anos de guerra e passaram a apresentar uma visão pessimista quanto ao futuro, em virtude dos conflitos políticos e lutas pelo poder entre os líderes revolucionários, além da não concretização das reformas sociais definidas pela Constituição de 1917, considerada uma das mais avançadas da época.

Segundo o autor, a violência estava entranhada no “ser mexicano”, o qual praticava a maledicência com a crueldade de um antropófago. O culto ao ego era tão sanguinário como o dos antigos astecas, que se alimentavam das vítimas humanas.

Apesar das críticas ao caráter nacional mexicano, Ramos acreditava na regeneração do “ser nacional” a partir das ferramentas intelectuais da filosofia, da educação e da psicanálise – sendo esta considerada capaz de alterar a personalidade neurótica.

Os males do “ser porto-riquenho”

No mesmo ano em que foi publicada a referida obra de Samuel Ramos, o porto-riquenho Antonio Pedreira lançou *Insularismo. Ensayo de interpretación puertorriqueña*.

Como o autor mexicano, Pedreira incorporou as teses orteguianas ao refletir sobre a realidade nacional e também recorreu à psicologia para analisar os males relacionados ao caráter nacional.

Para melhor entender o pensamento do autor, cabe lembrar que Porto Rico fez parte do Império espanhol até o final do século XIX. Com a Guerra de Independência de Cuba, na qual os Estados Unidos tiveram papel definitivo na derrota da Espanha em 1898, a Ilha passou para o domínio norte-americano na condição de Estado livre associado dos Estados Unidos. Essa condição de soberania nacional parcial, que persiste até os dias de hoje, afetou

profundamente a identidade porto-riquenha, tema central da obra de Pedreira.

O autor foi um intelectual de formação humanística e filosófica, cuja inspiração está em Miguel de Unamuno e Ortega y Gasset. Segundo Tzvi Medin, as ideias de Ortega y Gasset, sobretudo, tiveram ampla repercussão em Porto Rico e seus textos eram lidos nos cursos de língua espanhola, desde a escola secundária até a Universidade.

Pedreira procurou, na década de 1930, dissecar o “caráter de seu povo”, mostrando os males produzidos no passado, longínquo e mais recente, relacionados com a ausência de autenticidade na personalidade nacional, resultante da forte presença da cultura norte-americana no país (BABIN, 1956, p. 85 *apud* MEDIN, 1994, p. 121-122).

Com o intuito de despertar a sociedade porto-riquenha para a necessidade de fortalecer a identidade nacional através de uma cultura autóctone, de ideias próprias e redescoberta de traços da cultura original, analisou os traços do “ser porto-riquenho”, indicando os seus aspectos negativos.

Entendeu que a inautenticidade do caráter nacional advinha da ausência de soberania política e da dependência externa no plano da cultura. Analisou a realidade nacional de forma crítica com o objetivo de que os porto-riquenhos tomassem consciência desses problemas.

Referiu-se à superposição do elemento saxão à cultura hispânica como uma especificidade da história do país e afirmou que, apesar da dominação espanhola, o povo porto-riquenho possuía características próprias que não chegaram a se desenvolver em sua plenitude devido à forte influência norte-americana.

Todavia, além da influência externa considerada negativa ao desenvolvimento pleno da identidade nacional, Pedreira identificou a mestiçagem e a geografia como também responsáveis por traços negativos do caráter nacional.

No que se refere à mestiçagem, considerou que, do contato das três raças formadoras da nacionalidade (brancos, índios e negros), ao invés de fusão entre elas, produziu-se “com-fusão”. O autor

afirmou que, ao longo da história, a raça indígena foi extermínada paulatinamente, enquanto os brancos de condição social baixa foram se entrecruzando com os negros, surgindo, assim, o mestiço, um ser obediente e incapaz de criar cultura. Da mestiçagem, segundo o autor, surgiu uma “psicologia mesclada e equivocada”.

Quanto à geografia, o título da obra (*Insularismo*) já revela preocupação com esse aspecto da configuração do país que, segundo ele, se formou a partir de três elementos: a região sujeita a terremotos, o que provocava medo e consequente enfraquecimento da índole nacional; o excessivo calor, próprio do clima tropical e que provocava passividade e inatividade na população, e a situação insular, responsável pelo isolamento natural, inibidor do desenvolvimento comercial e cultural.

O desenvolvimento da cidadania também era visto pelo autor como problemática, porque o país não estava politicamente definido e, do ponto de vista cultural, alegava que a obrigatoriedade da língua inglesa, além de provocar trauma na língua vernácula (o espanhol), dificultara a formação da identidade nacional.

O autor criticou também os valores morais da civilização moderna, a qual foi introduzida no país pelos norte-americanos e desprestigiava o homem culto, bom, honrado e valorizava a astúcia dos homens de negócio. Além do nivelamento do indivíduo em todos os aspectos, os valores impostos pelo norte cultivavam a fama, o êxito e a riqueza. A mentalidade materialista foi imposta pelos norte-americanos na sociedade de origem hispânica, a qual, no passado, privilegiara a cultura e as artes.

Da análise de todos esses fatores, o autor concluía que o seu povo não havia ainda encontrado a si mesmo, ou seja, o caráter nacional autêntico ainda não se formara em Porto Rico.

As críticas à “Argentina visível”

Eduardo Mallea publicou *Historia de una pasión argentina* em 1938, numa conjuntura de crise muito profunda, anunciadora do

fim de um tempo de prosperidade que colocara a Argentina entre os países mais desenvolvidos do mundo. A crise de 1929 abalou profundamente sua economia exportadora com reflexos na sociedade e na política: nesse contexto, os governantes fizeram acordos de comércio com a Inglaterra, os quais eram muito vantajosos para este país, provocando, assim, forte reação nacionalista; os conflitos sociais se acentuaram e os descontentamentos se manifestavam na esfera pública. A década de 1930 passou para a história argentina como a “década infame”, marcada pela atuação dos “vende-pátria”, ou seja, os governantes considerados corruptos e aliados ao imperialismo. Contra esse estado de coisas, atuaram grupos nacionalistas de esquerda (que pregavam a revolução socialista) e grupos de direita (católicos integrístas, críticos acirrados do liberalismo e da modernização).

Eduardo Mallea, também numa perspectiva nacionalista, criticou as ideias da modernidade e dos valores materiais burgueses. Entretanto, ao invés de juntar-se aos grupos católicos que desenvolveram uma militância e ação política em prol da implantação de um regime autoritário no país, optou pela meditação sobre a Argentina numa perspectiva espiritualista e metafísica, com ênfase nos valores cristãos (era leitor de São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Novalis, Kierkegaard), e empenhou-se pela regeneração da sociedade através do “espírito”.

Eduardo Mallea, como Ramos e Pedreira, incorporou ideias de intelectuais espanhóis da chamada “geração de 98” (sobretudo as de Angel Ganivet e Miguel de Unamuno, ambos citados em sua obra), que refletiram, a partir de uma concepção nacionalista espiritualista, sobre as causas da “decadência” da Espanha no final do século XIX. Mallea neles se inspirou para refletir sobre a decadência argentina dos anos 1930 e a crise moral dela decorrente. A partir dessa reflexão, apelou para que os “homens de espírito”, deixando de lado as ideias e valores estrangeiros, passassem a se preocupar com a inserção de uma espiritualidade natural/original na consciência dos

argentinos, tomando como modelo os referidos autores espanhóis (Ganivet e Unamuno), os quais, através da meditação sobre o espírito, foram em busca da “essência da alma nacional”.

Apesar da aproximação com os espanhóis da “geração de 98”, Mallea esteve, contudo, mais envolvido com as ideias de Ortega y Gasset. Pertenceu a um grupo de intelectuais do qual fazia parte Victoria Ocampo, que, incentivada por Ortega y Gasset, criou a revista *SUR*. Assim, Mallea, figura proeminente desse grupo, fez parte do comitê editorial dessa revista desde os seus primórdios.

Historia de una pasión argentina se orientou pela perspectiva circunstancialista do filósofo espanhol: Mallea escreveu esse texto a partir de sua experiência de vida (a primeira parte da obra é autobiográfica) e da circunstância nacional, mas com uma dimensão universal.

Mallea se identifica também com a concepção de Ortega y Gasset sobre a missão das “minorias” no sentido de conduzir as “maiorias” e nelas incorporar os altos valores do espírito, da moral e da cultura. Recordava que a consciência argentina, no período de consolidação da nação, havia conhecido a maturidade e, nessa época, as minorias cumpriam a missão de conduzir as massas com seu alto exemplo (ROMERO, 1987, p. 202-203). No entanto, posteriormente (final do século XIX), ocorreu na sociedade uma involução que se manifestou na divisão do que ele identificou como “Argentina visível” e “Argentina invisível”: a primeira marcada pela inautenticidade, voltada para as aparências e orientada pelo propósito de alcançar riqueza material, poder e prestígio social (os que nela viviam, tornaram-se, por influência de ideias estrangeiras, materialistas, individualistas e substituíram “um viver por um representar”); a segunda era composta por homens que haviam mantido a espiritualidade, a autenticidade, a solidariedade, a moral orientada pelos valores coletivos e sabedoria simples voltada para a exaltação da vida (esta Argentina invisível era composta pelos que preservaram a consciência da argentinidade).

A obra de Mallea contém uma crítica à modernização urbana que transformou Buenos Aires numa metrópole cosmopolita, caracterizada pelo progresso material, o que, segundo o autor, substituiu a cultura, fruto de uma criação baseada em valores tradicionais, pela técnica e repetição mecânica. Isto é, tornou-a voltada para o acúmulo de riqueza, objetivo maior da mentalidade utilitarista.

Além das críticas ao mundo materialista capitalista e burguês, o autor também se voltou contra as ideias e valores da modernidade relacionados às teorias liberais e ao ideário iluminista produtor do individualismo e racionalismo extremado em detrimento do espírito.

Mallea, ao procurar identificar a origem dos males da Argentina, concluiu que eles advinham das levas sucessivas de imigrantes. A chegada dessa multidão de estrangeiros em Buenos Aires, segundo o autor, além de tornar a cidade desumana, comprometeu a identidade nacional e modificou a mentalidade do povo argentino. Explicou o processo nos seguintes termos:

foram esses contingentes vindos de fora, de sociedades marcadas pela pobreza, desordem moral e pela ambição desmedida, os que pronunciaram pela primeira vez a palavra riqueza como um grito de guerra. Como nada de benéfico trouxeram para o “Novo Mundo”, ao invés de contribuírem para fundamentar uma nacionalidade harmônica, provocaram a degeneração espiritual, intelectual e moral dos argentinos, reproduzindo o mal que trouxeram do “Velho Mundo” (MALLEA, 1938, p. 85).

Seguindo na trilha do pensamento de Ortega y Gasset, considerava que essa “massa” de imigrantes era incapaz de produzir cultura; sabia apenas manejá-la técnica de forma reprodutiva e mecânica. Mallea, leitor de *Rebelião das massas* de Ortega y Gasset, referia-se aos estrangeiros como “massa obscena” que produzia em seu espírito “desencanto” e “asco”.

Na esperança de regeneração da sua sociedade, Mallea propôs um diálogo com os argentinos que faziam parte da Argentina submersa,

profunda, invisível, na qual se guardavam a tradição e a essência autêntica da argentinitade (MALLEA, 1938, p. 85).

Localizava a “Argentina invisível” no interior, nas estâncias, províncias, “pueblos”, onde o homem autêntico, puro, generoso, honesto, sensível estava em contato com a natureza da terra pátria. Nela persistia o sentido da unidade e do viver orgânico ao qual todo corpo social deveria atar-se para não perecer, afirmava Mallea. A origem da “Argentina invisível”, essência do espírito da argentinitade, estava localizada no passado e tinha raiz espanhola. Por esse motivo, o autor glorificou os frutos do “feito heroico e supremo de Hernan Cortez” e da “tragédia dos missionários” em sua missão de catequese dos índios.

Historia de una pasión argentina é também a história de uma “paixão interna”, marcada pela origem tradicional do autor, sua vivência no interior pampeano e seu deslocamento para a Capital.

As críticas de Mallea a Buenos Aires, desumana e superficial, estão relacionadas à sua trajetória de vida: oriundo de uma família tradicional argentina, ainda muito jovem, deslocou-se do interior pampeano, onde viveu sua infância e adolescência, para Buenos Aires. Lá se deparou com os traços da modernização urbana que transformara a cidade numa grande metrópole cosmopolita e povoada por estrangeiros que produziram a *mescla de razas*. Tal deslocamento explica o sentimento de desenraizamento acompanhado de solidão ao qual se refere em sua narrativa.

Nessa caminhada metafísica, o autor demonstra identidade como o pensamento romântico conservador, o qual valoriza a comunidade orgânica e a harmonia social.

O livro encerra, na trilha das correntes espiritualistas cristãs da época, uma leitura crítica da modernização burguesa e das ideias laicas da modernidade. Além da recusa das modernas “ideias importadas”, consideradas responsáveis pela inautenticidade do caráter nacional, em sua obra, observa-se, também, repulsa às “massas importadas” que degradaram a cultura superior.

Historia de una pasión argentina foi uma obra muito bem recebida pelo público e pela crítica literária interna e externa. No entanto, é curioso notar que a ideologia organicista conservadora que orienta sua reflexão sobre os males da sociedade argentina e os preconceitos sociais em relação ao imigrante estrangeiro, expressos nessa obra, não são levados em conta por seus comentadores, os quais, ao contrário, salientam a importância da participação do autor num grupo intelectual progressista de maior expressão na Argentina da época e também sua atuação no jornal liberal *El Tiempo*.

Resultados dos estudos sobre o “caráter nacional”

As obras que foram objeto desta análise apresentam vários aspectos comuns. Entre eles, a preocupação com os males do “caráter nacional” e os entraves que eles colocavam para o pleno desenvolvimento de uma cultura superior entre as nações do “Novo Mundo”. Elas encerram, ainda que por caminhos distintos, uma visão crítica da modernização capitalista, dos valores utilitários e pragmáticos do mundo burguês, das ideias importadas, dentre elas, o iluminismo libertário, o igualitarismo nivelador, o individualismo egoísta, o racionalismo laicizante e o positivismo científico que renega o espírito.

Não é por acaso que essas reflexões sobre a identidade nacional a partir de novos prismas marcaram correntes do pensamento latino-americano no entre-guerras. A crise do “eurocentrismo”, provocada pelo conflito que se espalhou por toda a Europa entre 1914 e 1918, causou impacto muito negativo, sobretudo no mundo intelectual e das artes; mas, do outro lado do Atlântico, ela permitiu repensar o lugar do Continente Americano no contexto internacional. Frente à Velha Europa dilacerada pelas guerras, intelectuais da América Latina vislumbraram um futuro promissor para a região e, neste sentido, propuseram-se a repensar, a partir de novos ângulos, os problemas nacionais e as soluções para eles.

Como procurei mostrar, através das três obras enfocadas, os novos paradigmas interpretativos utilizados pelos autores, a partir dos anos 1930, refutaram os determinismos geográficos e as teses racistas predominantes até então nos argumentos usados por autores latino-americanos para explicar o atraso da América Latina em relação à Europa. No entanto, a leitura das obras de Ramos, Pedreira e Mallea, que analisaram os males do caráter nacional orientados por parâmetros de análise bem distintos, também revela preconceitos raciais e sociais que se prestaram à construção de novos estereótipos, estigmas e mitos que até hoje continuam sendo acionados para justificar formas de controle social e exclusão dos que, desde então, passaram a ser considerados expressão do “mau caráter” e que continuam sendo responsáveis pelos males nacionais.

Caráter nacional: um conceito fora de lugar em tempos de globalização?

Leyla Perrone-Moysés, em sua última obra (*Vira e mexe nacionalismo. Paradoxos do nacionalismo literário*), recentemente publicada, relaciona o tema das identidades com o mundo globalizado. Para a autora, a identidade nacional é hoje um conceito minado que sofreu grande abalo na atualidade com a prática dos grandes deslocamentos humanos. Tais deslocamentos permitiram evidenciar que não há culturas puras e estanques. Os processos de mudanças provocadas por contato e relações que produzem embrincamentos culturais, hibridismos são inerentes ao campo da cultura (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 13).

Se o próprio conceito de cultura impede a identificação de cultura pura, original, também não se pode conceber a existência de ideias puras, autóctones, que dão suporte à concepção de identidade nacional exposta nas obras dos três autores analisados neste texto. Eles se orientaram por uma perspectiva nacionalista que privilegiava a cultura nacional autêntica e, por isto, ao criticar os

males oriundos do caráter nacional, questionaram a importação de ideias, modelos e valores estrangeiros considerados responsáveis pela “deformação” do caráter, ou seja, pela sua inautenticidade.

Cabe esclarecer que a busca de uma cultura original, fruto de um caráter nacional autêntico, é decorrente de uma perspectiva historicista segundo a qual as ideias e instituições não viajam e devem estar ancoradas à realidade que as gerou. Esta concepção herderiana, exposta no início do século XIX para fundamentar o nacionalismo alemão, foi retomada posteriormente por outros autores nacionalistas, como foi o caso dos filósofos católicos conservadores (franceses principalmente, como Novalis, De Maistre) que combateram as “constituições importadas” com o intuito de criticar a proliferação das ideias iluministas na Europa e América. Essa abordagem também foi muito disseminada na América Latina do século XX entre os críticos das instituições liberais e defensores de regimes autoritários.

A ideia de caráter nacional que nega os contatos, as mudanças e os movimentos de circulação inerentes à cultura e às ideias, além de não se sustentar do ponto de vista conceitual, traz em si uma carga ideológica considerável na medida em que se presta a defender certas fórmulas político-ideológicas em detrimento de outras.

No entanto, apesar desses questionamentos e da inadequação do conceito aos tempos atuais, marcados pela globalização e deslocamentos humanos em grande proporção, não se pode negar que as bandeiras nacionalistas, sobretudo em tempos de crise, continuam mobilizando amplos setores sociais. Isto significa que a reflexão histórica sobre as interpretações relacionadas ao caráter nacional contribui para entender porque, em determinados momentos, o tema vem à tona de forma tão intensa, como aconteceu na América Latina dos anos 1930-60. Além de entender essa conjuntura, a qual colocou na pauta de discussão dos intelectuais latino-americanos o caráter nacional, procurei identificar as questões comuns e as ideias que fundamentaram as críticas e propostas de soluções

para os males nacionais. Tentei acompanhar também o movimento de circulação de ideias entre os intelectuais dos dois mundos, mostrando como elas foram apropriadas e ressignificadas de forma a produzir sentido, ao mesmo tempo comum e específico, nos diferentes países latino-americanos.

Para finalizar, menciono uma frase de Jorge Luis Borges referente à preocupação dos nacionalistas com a “importação de ideias”. Ao ironizar o conceito de nacionalismo, o literato afirmou: “O culto argentino da cor local é um culto europeu recente, que os nacionalistas deveriam recusar, posto que é estrangeiro” (BORGES, 2007, p. 35).

Latin-American intellectuals: the “national feature” under discussion

Abstract: The most recent discussions over national identity refuse the concept of “national feature” understood as changeless essence and as homogeneous phenomenon. However, over the 1930’s and the 1969’s, many Latin-American authors devoted to this kind of study, and tried to define the constituent elements of “being national” in their respective countries, the harms they caused and the chances to overcome them in order to achieve a superior identity.

Key-words: National feature- Latin-American intellectuals- Circling of ideas

Notas

¹ Este texto faz parte de um projeto mais amplo que estou desenvolvendo sobre “Circulação de ideias e caráter nacional na América Latina: 1930-1960”. Tendo como objetivo analisar os estudos sobre o caráter nacional feitos nesse período, optei por privilegiar algumas obras consideradas as mais expressivas no que se refere à abordagem do tema. São elas: *Radiografía de la pampa* (1933), do argentino Ezequiel Martínez Estrada; *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934), do mexicano Samuel Ramos; *Insularismo. Ensayo de interpretación puertorriqueña* (1934), do porto-riquenho Antonio S. Pedreira; *Raízes do Brasil* (1936), do brasileiro Sérgio Buarque de Holanda; *Historia de una pasión argentina* (1938), do argentino Eduardo Mallea; *Chile o una loca geografía* (1940), do chileno Benjamín Subercaseaux; *Interpretação do Brasil* (1947), do brasileiro Gilberto Freyre; *El laberinto de la soledad* (1950), do

mexicano Octavio Paz; *Morfología de la nación colombiana* (1965), do colombiano Abel Naranjo Villegas; *El pueblo continente* (1966), do peruano Antenor Orrego.

² A propósito do nacionalismo que orientou a obra de vários autores latino-americanos nesse período, cabe mencionar o artigo de Wasserman (2003, p. 305-321). A autora analisou a “questão nacional” e sua relação com as formulações identitárias a partir das seguintes obras: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; *O perfil do homem e da cultura no México*, de Samuel Ramos; *Radiografía de la Pampa*, de Ezequiel Martínez Estrada. Tais obras também serão abordadas, ainda que a partir de outras questões, no projeto mais amplo acima mencionado. Neste texto, apenas Samuel Ramos será alvo de reflexão. Cabe esclarecer que, dada a proximidade do tema, a interlocução com a autora será de grande valia para o trabalho que venho desenvolvendo.

³ Ortega y Gasset, ao procurar construir o perfil da identidade nacional, concluiu que a sensibilidade do espanhol se dirigia para as coisas concretas e materiais, razão pela qual esse povo era pouco imaginativo e criativo, contrastando com os povos do norte, que se identificavam pela capacidade de abstração, dinamismo e transcendência. Cf. Fox (1998, p. 142).

⁴ A propósito da trajetória intelectual de José Ortega y Gasset e sobre a formulação de seus conceitos, consultei: Fox (1998, p. 138-151); Medin (1994, Cap. II); Marias (1938 e 1983).

⁵ Ortega y Gasset considerava que as mudanças econômicas e políticas eram superficiais e dependentes das ideias e preferências morais, estéticas e das crenças dominantes, entendidas como “sensação vital”, ou seja, “o modo pelo qual sentimos a realidade circundante e cujas variações são decisivas para o processo histórico”. E o sujeito histórico dessa “sensação vital”, segundo o autor, eram as gerações cujos membros possuíam uma “sensibilidade vital comum” e uma filosofia própria.

Referências

- FOX, Inman. *La invención de España*. Nacionalismo liberal e identidad nacional. Madrid: Cátedra, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- MALLEA, Eduardo. *Historia de una pasión argentina*. Buenos Aires: Ediciones Anaconda, 1938.
- MARÍAS, Julián. *Las trayectorias*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

- MARÍAS, Julián. *Ortega. Circunstancia y vocación*. Madrid: Alianza Editorial, 1938.
- MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *Radiografía de la pampa*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1933.
- MEDIN, Tzvi. *Ortega y Gasset en la cultura hispanoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- NARANJO VILLEGRAS, Abel. *Morfología de la nación colombiana*. Bogotá: Ediciones Lerner, 1965.
- ORREGO, Antenor. *Pueblo continente*. Lima-Buenos Aires: El Continente, 1966.
- ORTEGA Y GASSET, José. *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones de Quijote*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.
- PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad y Post Scriptum*. 3. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- PEDREIRA, Antonio S. *Insularismo. Ensaio de interpretación puertorriqueña*. San Juan: Biblioteca de Autores Puertorriqueños, 1957.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo. Paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- RAMOS, Samuel . *El perfil del hombre y la cultura en México*. 18. ed. México: Espasa-Calpe Mexicana, 1990.
- ROMERO, José Luis. *Las ideas en la Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Biblioteca Actual, 1987.
- SPENGLER, Oswald. *La decadencia de Occidente*. Madrid: Espasa-Calpe, 2005.
- SUBERCASEAUX, Benjamín. *Chile o una loca geografía*. 2. ed. Santiago de Chile, Editorial Universitaria, 1995.
- WASSERMAN, Claudia. Nacionalismo: origem e significado em Sérgio Buarque de Holanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martínez Estrada. *Universum*, n.18, Universidad de Talca, 2003, p. 305-321.